

GÊNEROS DISCURSIVOS E A ATUAÇÃO DO TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS NA PRÁTICA CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA

Wellenice A. S. Melo - Bacharelada Letras/Libras/UFSC/polo UFPE

Adriana Di Donato - Depto. Fonoaudiologia/UFPE

Denise M. S. Melo - Bacharelada Letras/Libras/UFSC/polo UFPE

Elisabeth C. Coelho - Depto. Fonoaudiologia/UFPE

Gesilda Pereira Leal - Secretaria de Educação/PE

Jaqueline M. Silva - Projeto FotoLibras/GEMA/PE

RESUMO: Os profissionais tradutores/intérpretes de língua de sinais são responsáveis pela mediação das informações aos sujeitos surdos. A atenção voltada à atuação deste profissional vem sendo conquistada a cada dia, visto que a oficialização da Língua de Sinais Brasileira (Libras) é historicamente recente. Começam, então, a surgir estudos direcionados aos espaços de atuação desse profissional, à medida que ele vem emergindo de forma relevante e significativa para a comunidade surda. A apropriação da Libras pelo fonoaudiólogo como profissional de saúde da comunicação torna-se primordial neste contexto. Entretanto, mesmo diante da obrigatoriedade da disciplina Libras no currículo de Fonoaudiologia, como língua plena, há a necessidade de maior fluência. Assim, o tradutor/intérprete de Libras suprime a lacuna comunicacional. Os perfis de ambas as profissões dialogam harmonicamente no aspecto ético de sigilo e confiabilidade (QUADROS, 2004). Um dos novos espaços de atuação vem se implementando na Clínica-Escola do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), através de uma pesquisa e três ações extensionistas, com foco na produção escrita de surdos e sua relação com a Libras. Como desdobramento da pesquisa, surge a presença do tradutor/intérprete no âmbito clínico-fonoaudiológico no atendimento a pacientes surdos, objetivando a intermediação das produções do português escrito através de diferentes gêneros discursivos tais como: fábulas, piadas, tiras, listas. A perspectiva interacionista da pesquisa compreende a negociação de sentidos através da língua natural dos surdos, a Libras. Para tanto, foi composta uma equipe com docentes e discentes do Curso de Fonoaudiologia da UFPE e tradutores/intérpretes de Libras, entre eles, graduandos do curso de Bacharelado em Letras Libras/UFSC, tendo como polo a referida Universidade. A metodologia consta em encontros semanais realizados para

discussão dos atendimentos dos pacientes, segundo o perfil de cada sujeito surdo à luz de referenciais teóricos sobre surdez (SKLIAR, 1997, 1998, 1999; STROBEL, 2008; QUADROS, KARNOPP 2004), gêneros textuais (BAKHTIN, 2006) e ensino de português como segunda língua/L2 (DI DONATO, 2008; GRANNIER 2005; DECHANDT-BROCHADO, 2003, 2007). Estes encontros se propõem, ainda, a analisar a atuação do tradutor/intérprete na intermediação terapeuta-paciente, e as contribuições e ganhos nas produções escritas dos surdos. O atendimento aos oito surdos, com idades entre 9-42 anos, realiza-se duas vezes por semana na clínica-escola de Fonoaudiologia da UFPE. As sessões terapêuticas são transcritas na íntegra para o português. Este estudo encontra-se em andamento, todavia, já aponta significativas conquistas dos surdos na apropriação da escrita do português, podendo-se perceber a contribuição do profissional intérprete nos ganhos obtidos com sua intermediação. Consoante este novo fazer fonoaudiológico, oportuniza-se a diminuição das barreiras comunicacionais, desmi(s)tificando este outro, o surdo, como também, possibilitando um novo campo de atuação para o tradutor/intérprete de Libras.

PALAVRAS-CHAVE: Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais. Surdos. Fonoaudiologia.

INTRODUÇÃO

O tradutor/intérprete de língua de sinais (TILS) configura-se como o profissional responsável pela intermediação das informações entre duas línguas, língua-fonte e língua-meta (QUADROS, 2004). De acordo com a Lei nº10.436/2002 (BRASIL, 2006) e o Decreto nº 5.626/2005 (BRASIL, 2006) os quais reconhecem e regulamentam a Libras como meio legal de expressão e comunicação das comunidades surdas brasileiras, percebemos que se faz necessária a presença deste profissional nos mais diversos âmbitos, dentre eles, os espaços voltados à saúde comunicacional. No Brasil, o TILS deve dominar a língua portuguesa e a língua brasileira de sinais (QUADROS, 2004).

O desenvolvimento da pesquisa intitulada “Análise das Intervenções Fonoaudiológicas na Produção Escrita de Surdos e sua Relação com a Língua Brasileira de Sinais”, desenvolvida no Laboratório de Linguagem da Clínica-Escola do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), gerou conflitos da ordem da comunicação com os pacientes surdos, uma vez que as terapeutas estagiárias não dispunham de conhecimento linguístico em Libras. Este fato desencadeou a necessidade de buscar alternativas para solucionar este impasse: ausência da Libras nas graduandas X pacientes surdos fluentes nesta

língua, para o desenvolvimento do trabalho com o português escrito (DI DONATO, COELHO; CARVALHEIRA, 2010).

Chaveiro, Porto e Barbosa (2009) destacam que para um melhor favorecimento entre os sujeitos envolvidos, é importante o profissional de saúde conhecer e compreender as várias questões que envolvem o atendimento à pessoa surda. A não fluência em Libras pelo fonoaudiólogo faz com que existam barreiras comunicacionais com o indivíduo surdo, prejudicando, desta forma, o tratamento.

Neste cenário, a presença do profissional tradutor e intérprete de Língua de Sinais (TILS) torna-se peça importante na mediação da comunicação e atuação junto ao surdo nas diversas áreas da Fonoaudiologia: linguagem, motricidade orofacial, dentre outras. Os perfis de ambas as profissões dialogam harmonicamente em seus aspectos éticos, caracterizando-se pelo sigilo e confiabilidade (QUADROS, 2004).

MÉTODO

Este estudo descritivo qualitativo ocorre no Laboratório de Linguagem da Clínica-Escola do Departamento de Fonoaudiologia/UFPE, no período 2010-2012. A pesquisa conta com uma equipe de trabalho formada por professores e graduandos do 1º ao 8º período de Fonoaudiologia/UFPE, graduandos surdos e ouvintes do Letras/Libras UFSC polo UFPE, pós-graduandos da UFPE, professores especialistas na área da surdez da rede pública de ensino e, ainda, profissionais tradutores/intérpretes de Libras (DI DONATO, COELHO; CARVALHEIRA, 2010).

Os atendimentos terapêuticos ocorrem duas vezes por semana, com duração de 30 minutos cada. O tradutor/intérprete de Libras atua diretamente na comunicação entre o fonoaudiólogo e o paciente surdo. Todas as sessões são supervisionadas por um professor da área de Linguagem. A participação dos TILS se dá nas seguintes instâncias: (a) três voluntárias nas sessões terapêuticas; (b) uma voluntária nas transcrições das sessões filmadas, sendo esta CODA (Children Of Deaf Adults); (c) três voluntárias no grupo de estudos teóricos.

Os participantes ou responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que apresenta os objetivos e procedimentos do estudo, assim como seus riscos e benefícios. Participam do estudo oito sujeitos surdos. Foram critérios de inclusão: ser paciente da referida Clínica-Escola; ter conhecimentos sobre a escrita do português e; ter conhecimento/fluência em Libras. Os participantes apresentam o seguinte perfil: quatro do

gênero feminino e quatro do masculino; faixa etária entre 09-42 anos; escolaridade do Ensino Fundamental I ao Ensino Médio completo; surdez bilateral do tipo sensorineural de grau severo ao profundo; aquisição/aprendizagem da Libras após os 6 anos de idade.

As avaliações e intervenções das modalidades espaço-visual e da oral-auditiva na modalidade escrita seguem os princípios sociointeracionistas, através do uso de gêneros discursivos/textuais (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004; BAKHTIN, 2006) e ensino de português como segunda língua/L2 (DI DONATO, 2008; GRANNIER 2005; DECHANDT-BROCHADO, 2003, 2007), apoiados nos referenciais teóricos sobre surdez (SKLIAR, 1997, 1998, 1999; STROBEL, 2008; QUADROS, KARNOPP 2004).

O foco das atividades terapêuticas desenvolvidas consta no uso dos gêneros discursivos, a saber: lista, tira (tirinha), filme curta-metragem, bate-papo, piada, fábula. Estes gêneros propostos serão expandidos posteriormente, a partir da necessidade e interesse de cada sujeito. No uso dos gêneros, o aspecto cultural de cada modalidade de língua foi considerado. Por exemplo, a fábula, trabalhada em Libras, contava com elementos da cultura surda e a tira, trabalhada em português, com traços da cultura ouvinte.

Dos materiais utilizados para as diagnoses: Filmadora digital Sony HandyCam DCR-SX40 Digital; Notebook Evolute SFX35 Processador Intel Core 2 Duo T5550 1,83 GHz, 3 GB de memória RAM, HD de 160GB; Windows Vista; vídeo TV Escola com a fábula ‘A Águia e o Esquilo’ narrada por Bernard Braga (1994); o curta da Disney/Pixar “A Banda de um Homem Só” (2006), sem texto; Diagnose de linguagem em Libras: gênero lista de supermercado (Di Donato, no prelo); tira do Maurício de Sousa (1999) Cascão e Cebolinha.

RESULTADO

Os TILS atuaram em todos os momentos terapêuticos propostos - anamnese, avaliação e intervenção -, assim como nas discussões de caso e nos encontros de estudos teóricos.

Pode-se observar nos pacientes surdos maior nível de motivação e participação, na medida em que se sentiram acolhidos diante da viabilidade da comunicação no contexto clínico (GUARINELLO, 2007; CHAVEIRO, PORTO e BARBOSA, 2009). Vale salientar que, segundo os registros dos prontuários, alguns pacientes apresentavam resistência na ação terapêutica, a ponto de se cogitar seus desligamentos do atendimento clínico. Este quadro mudou significativamente após a implementação das ações extensionistas, decorrentes da pesquisa mestra, quando se introduziu a trabalho com a escrita do português para surdos.

Além disso, destaca-se o efetivo acompanhamento dos pacientes surdos por cada profissional atuante (docentes, estagiários e TILS), no que diz respeito à evolução de cada sujeito. Sob a ótica do professor/supervisor, a presença do TILS contribui efetivamente para a melhor compreensão do que ocorre durante o atendimento, facilitando sua condução do processo docente.

Nesta experiência clínica, os TILS puderam vivenciar uma prática diferenciada no uso dos diversos gêneros no âmbito da saúde, como na formalidade do gênero entrevista na anamnese, em uma relação de discurso informal no gênero bate-papo, nos aspectos líricos no gênero fábula, dentre outros.

DISCUSSÃO

A presença do TILS faz emergir as diferentes faces da intermediação comunicacional que permeiam a intervenção clínica. Desta forma, os TILS integrantes da pesquisa possuem conhecimentos específicos de sua área, contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa. Isso não significa dizer que não há dificuldades, em cada sessão realizada semanalmente na Clínica-Escola, há desafios enfrentados na realização dos sinais e de termos específicos da área fonoaudiológica. Assim, os TILS usam estratégias e métodos que se adequam aos gêneros interpretados, necessitando atenção quanto à fidedignidade da intenção do dito (QUADROS, 2004). As interpretações/traduições dos gêneros textuais foram adequam-se a cada sujeito, em prol do seu desenvolvimento linguístico.

A clínica fonoaudiológica vem avançando nas discussões sobre e o surdo e a surdez. O foco desloca-se da ótica da oralização, para a percepção do sujeito na sua integralidade e em todas as suas possibilidades de interação linguística. Neste sentido, a UFPE traz passos diferenciados ao propor a figura do TILS na clínica fonoaudiológica, a partir da atuação voluntária destes profissionais, como membros integrantes da pesquisa supracitada. Não obstante, esta prática defende a participação deste profissional apenas nos casos no qual o terapeuta não disponha de instrumental linguístico em Libras suficiente para realizar a interação com seu paciente, apoiando-se nos princípios de equidade do direito ao acesso ao conhecimento formal viabilizado através da escrita, instrumento fundamental na veiculação dos bens culturais produzidos pela humanidade (GUARINELLO, 2007; DI DONATO, 2008, CHAVEIRO, PORTO e BARBOSA, 2009).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. [1979]. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRASIL, **Lei Nº 10.436/2002** de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: < <http://www.doesp.net/federal.html>>. Acesso em: 01 ago. 2010.

BRASIL, **Decreto Nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002 e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/D5626.htm>. Acesso em: 01 ago. 2010.

CHAVEIRO, N.; PORTO, C.C.; BARBOSA, M. A. Relação do paciente surdo com o médico. **Revista Bras. Otorrinolaringol**, São Paulo, v.75 n. 1 Jan./Fev, 2009.

DECHANDT-BROCHADO, Sônia M. **A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira**. Tese de Doutorado. Assis: Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, 2003.

_____. **Um olhar sobre os textos de crianças surdas sinalizadoras**. Estudos Lingüísticos XXXVI(2), maio-agosto, 2007. p. 166/174. Disponível em: <www.gel.org.br/4publica-estudos-2007/sistema06/46.PDF>. Acesso em: 01 ago. 2010

DI DONATO, Adriana. **A visualidade no letramento e seu aperfeiçoamento em produções textuais por aprendizes surdos**. Encontro Nacional de Letramento – João Pessoa: ENALEF/UFPB, 2008 (a), pp.01-12.

DI DONATO, Adriana; COELHO, Elisabeth C.; CARVALHEIRA, Germana M. G. **A produção escrita de surdos e sua relação com a Língua Brasileira de Sinais**. Anais do I Simpósio Internacional do Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Linguagem – URFPE. Abril de 2010

GRANNIER, Daniele M. **Para um programa escolar de ensino do português-por-escrito a surdos**. Brasília: IV Congresso Internacional da ABRALIN/ I Simpósio de Língua de Sinais e bilinguismo: fev. 2005.

GUARINELLO, Ana C. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus, 2007.

QUADROS, Ronice. M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC; SEESP, 2004.**

QUADROS, Ronice. M.; KARNOOP, Lodenir. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. São Paulo: Artmed, 2004.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et. al. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SKLIAR, Carlos B. **Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em Educação Especial**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

_____. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e as diferenças. In: _____ (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. A localização política da educação bilíngue para surdos. In: _____ (org.). **Atualidades da educação bilíngue para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis. Editora UFSC, 2008.